

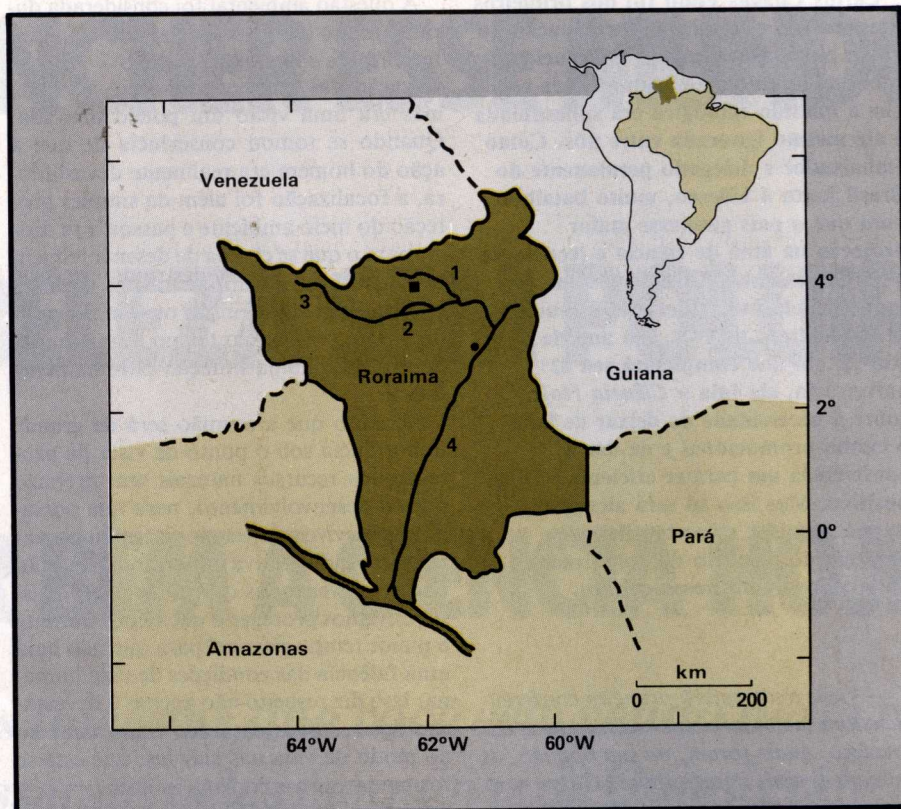
UM *TEPUI* NO RITMO DA DESTRUIÇÃO EM RORAIMA

No extremo norte do Brasil, na região de fronteira com a Venezuela e a Guiana, avistam-se gigantescos blocos rochosos de forma tabular e litologia predominantemente arenítica. São verdadeiras esculturas geológicas, que receberam, nesta região, a denominação de *tepuí*, termo indígena do grupo Pémon, usado para designar as montanhas encontradas na *Gran Sabana* venezuelana e proximidades, que apresentam forma semelhante a uma mesa. Do ponto de vista geomorfológico, essas elevações são testemunhos residuais de antigas superfícies terrestres, que, submetidas através dos tempos à violenta ação erosiva, alcançaram a atual estrutura tabular.

Por se localizarem numa série geológica muito antiga, que remonta ao Pré-Cambriano, e representarem sítios ecológicos bem distintos de outros já conhecidos, os *tepuyes* (na língua indígena) e toda a região à qual pertencem vêm provocando, desde o início do século XIX, o fascínio de naturalistas e estudiosos do país e de diversas partes do mundo. Impulsionados pela busca do novo, do inusitado, eles empreenderam longas expedições de proveito único para a ciência, das quais resultaram estudos em diferentes áreas do conhecimento científico.

Do lado brasileiro, nesta região de fronteira, poucos exemplos existem dessas montanhas tabulares que se enquadram no conceito de *tepuí*. O monte Roraima, com 2.875 m de altitude, que estimulou a imaginação de Arthur Conan Doyle em seu *The Lost World* (1912), é o exemplo mais típico, pois tem despertado a atenção de vários estudiosos desde as expedições dos irmãos Schomburgk à região (1838-1842), como parte integrante de uma zona de vida bem diversificada e por sua imponente grandiosidade, até então ainda inatingida.

A primeira escalada ao topo do Roraima foi feita em dezembro de 1884 por Everard F. Im Thurn e Harry Perkins, que abriram as portas para uma série de expedições, das quais vale destacar pela importância histórica e/ou científica a do então general Cândido Rondon, inspetor de fronteiras à época (1927-28), que seguiu o mesmo trajeto que Im Thurn & Perkins, e a do zoólogo G.H.H. Tate, do Museu Americano de História Natural, que realizou a subida também em 1927-28 e que, através de suas observações, deu início ao questionamento sobre a possível existência de uma



Localização e limites da serra do Tepequém. 1) rio Amajari; 2) ilha de Maracá; 3) rio Uruicuera; 4) Rio Branco; serra do Tepequém; Boa Vista.

zona biogeográfica própria das partes mais altas daquelas montanhas tabulares.

Entretanto, somente em 1991, entre 11 e 16 de fevereiro, a escalada da face brasileira do Roraima — considerada por muitos uma proeza quase impossível — foi completada por três alpinistas de São Paulo (Luiz Makoto, Michel Bogdanowicz e Hugo Arnelin) que conseguiram superar as dificuldades oferecidas pela formação arenítica, de fácil desagregação sob contato físico, e pelo paredão de 450 m de altura, que se estende deste lado da fronteira, apresentando inclinações por vezes superiores a 90°, o que torna a escalada uma aventura sem igual.

Outro *tepuí* brasileiro da mesma relevância é a formação da serra do Tepequém, situada em uma área limítrofe entre o estado de Roraima e a Venezuela. Numa zona de transição entre campos e floresta virgem, esse *tepuí* se eleva a pouco mais de 1.200 m de altitude no seu ponto mais al-

to, localizado geograficamente cerca de 200 km a noroeste, por estrada, da cidade de Boa Vista, entre o rio Amajari (ao norte) e a ilha de Maracá (ao sul). A formação se encontra atualmente em avançado estado de destruição ambiental, decorrência exclusiva da intensa garimpagem de diamantes lá praticada há mais de 50 anos.

A história do garimpo no Tepequém é cercada de lendas e informações desconhecidas, mas iniciou-se provavelmente no verão de 1937-38, sob o comando de Mezach Breunztz, conhecido como Bruston, natural da Guiana Holandesa (hoje Suriname). Com dois companheiros e recursos fornecidos por fazendeiros da região do Amajari, Bruston, após algumas tentativas infrutíferas, conseguiu finalizar sua exploração. Desiludido, abandonou a atividade garimpeira em meados da década de 1950, após violento episódio que culminou no assassinato do administrador do garimpo.

Entretanto, a partir desta primeira subida, centenas de pessoas à procura de enriquecimento rápido seguiram o mesmo caminho. Entre 1941-43, segundo o geógrafo Antônio Teixeira Guerra, cerca de mil pessoas lá estavam estabelecidas, 400 das quais garimpeiros. Um relatório da Campanha de Erradicação da Malária, de 1965, chegou a registrar a presença de cerca de três mil habitantes, infelizmente sem definir a data precisa da análise. Em 1991, a administração da Vila do Tepequém registrou algo em torno de 1.800 pessoas, sendo 600 garimpeiros, instaladas precariamente em barracos de palha ou barro e vivendo ainda em função do agora escasso diamante. É interessante salientar que o número atual deve ser maior, pois alguns dos garimpeiros retirados da reserva indígena Yanomami devem ter se dirigido ao Tepequém.

A situação atual, porém, não retrata o período de euforia e fartura mineral ocorrida logo após o descobrimento do garimpo. Durante toda a década de 1940, a antiga Mesa de Rendas, vinculada à Prefeitura Municipal de Boa Vista, registrou as maiores produções de diamantes em Roraima, que atingiram 28 mil quilates em 1944 e 19 mil em 1947, sendo o garimpo do Tepequém responsável pela quase totalidade desses números. Estima-se que tais valores tenham sido ainda maiores, pois o melhor preço oferecido nos países vizinhos e a falta de fiscalização estimulava o contrabando para o exterior, sobretudo através da Venezuela e da Guiana Inglesa (hoje Guiana).

O resultado de todo um período evolutivo abalou-se profundamente com as desastrosas modificações ambientais.

A seção tabular da serra do Tepequém (aqui vista da trilha do Ouro Fino) ainda permanece quase intocada.

A seção tabular da serra do Tepequém, formadora da mesa de arenito propriamente dita, ainda permanece quase intocada, em virtude da maior dificuldade de acesso e da não existência de diamantes naquele local. No entanto, a bacia situada na sua base, onde estão instaladas dezenas de máquinas de lavra, sofreu um inteiro desfiguramento, e a paisagem inicial mostra modificações marcantes, decorrentes da ação antrópica.

Atualmente, manchas de vegetação arbórea são apenas encontradas nas nascentes ou nas quedas d'água: toda a mata de galeria dos igarapés foi destruída pela intensa movimentação do solo em suas margens, já que se trata de um garimpo de aluvião. Florestas de maior envergadura estão concentradas nas áreas de menor declive, situadas na encosta oeste, e formam um elo de ligação com a mata que circunda o Tepequém.

Todos os fluxos fluviais que servem de drenagem a essa microbacia hidrográfica perderam seu trajeto inicial, sendo impossível reconhecer os leitos originais. Os igarapés do Paiva, Cabo Sobral e Barata, com os seus trechos de plainadas maiores, que propiciam uma extração mais vantajosa, são os principais corredores de escoamento. Por isso mesmo, são também os mais atingidos, encontrando-se em lamentável estado de destruição.

Outro dado importante a registrar é o completo desaparecimento dos peixes em toda a área: nenhum exemplar é encontra-

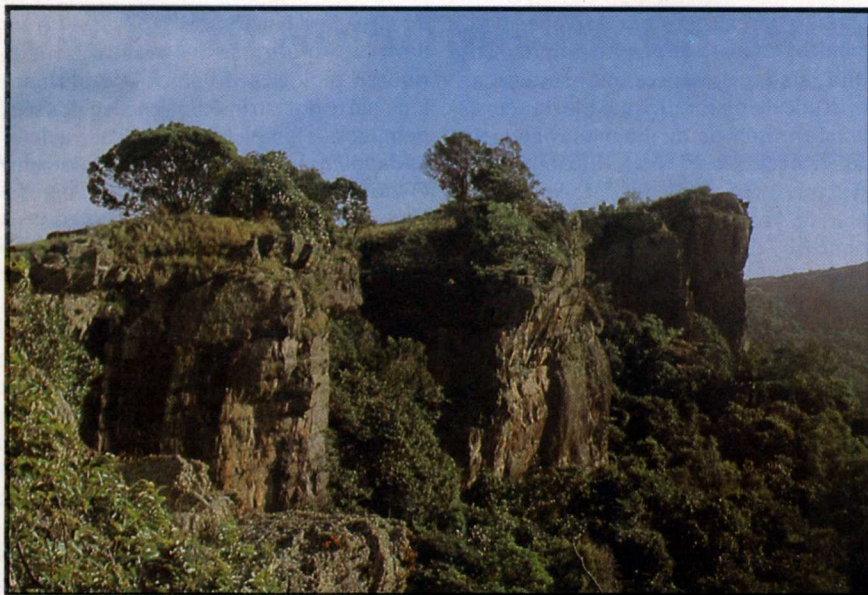
do nas águas lamacentas. Não acredito ser um exagero afirmar que grande parte da riqueza biológica do sítio — e portanto uma parte do patrimônio genético dos seus domínios — simplesmente se exauriu diante da intensa ação predatória do homem. O resultado de todo um período evolutivo abalou-se profundamente com as desastrosas modificações ambientais ocorridas nessa área do Tepequém.

A partir de verificações realizadas nas bordas da mata, durante viagens feitas entre 1989 e 1991, pude constatar um aparente recuo das áreas ainda florestadas em favor da vegetação aberta. As áreas de campo, naturalmente existentes no Tepequém e compostas de espécies tipicamente oportunistas, ano a ano parecem penetrar vagarosamente nos espaços ocupados pelas manchas de mata e pela floresta a oeste da área. Tal fato pode ser atribuído a seguidas e constantes queimadas nos campos naturais, que se destinam, segundo os habitantes, a 'melhorar o pasto' para as cerca de 300 cabeças de gado bovino ali instaladas.

O fogo destrói continuamente a linha divisória entre floresta e área de campo, causando sérios danos ou mesmo a morte de espécies arbóreas. É difícil determinar quanto a ciência perdeu no Tepequém nesses anos de intensa exploração humana, mas provavelmente espécies da flora e da fauna desse sistema já desapareceram ou estão próximas do fim. Algumas expedições tiveram oportunidade de passar por esse *tepui* na tentativa de



FOTO GEDIDA PELO AUTOR



Os moradores da região dizem: "Antigamente podia-se até beber destas águas, agora tão lamacentas e cheirando a óleo..."

recolher o maior número possível de informações. Na década de 1950, destacaram-se a de Otávio Barbosa e José de Andrade Ramos, pela Superintendência do Plano de Valorização da Amazônia, e a de Antônio Teixeira Guerra, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e Conselho Nacional de Geografia. Ambas trataram sobretudo dos aspectos geográficos e geomorfológicos de algumas regiões do atual estado de Roraima. Em fevereiro de 1967, a expedição de Ghilleen Tolmie Prance, pelo Projeto *Plants of Brazilian Amazonia*, dedicou-se à coleta de plantas desde a base do Tepequém até o seu ponto mais alto, chegando ao final da viagem com um total de 274 es-

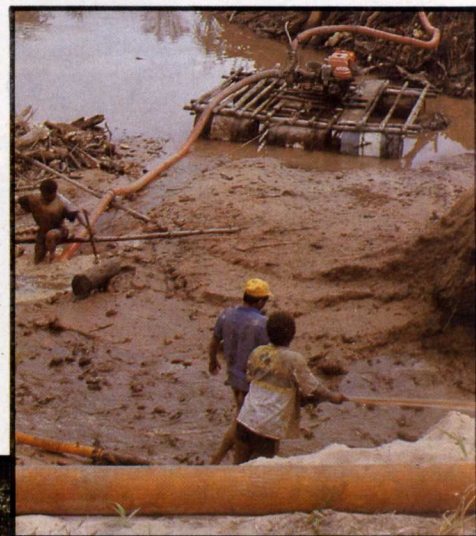


FOTOS CEDIDAS PELO AUTOR

pécies, somente da flora desta formação, sem contar as regiões próximas. Uma das expedições do Projeto Flora Amazônica — trabalho conjunto do New York Botanical Garden, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia e Museu Paraense Emílio Goeldi — também fez coletas de material botânico em 1986.

Diante de sua importância para o conhecimento científico, é fundamental que tais sítios ecológicos e, por conseguinte, processos evolutivos neles instalados, tenham a oportunidade de sobreviver e ser preservados, pela enorme fragilidade naturalmente imposta a tais áreas. Uma solução permanente para o Tepequém terá que ser bus-

Blocos de arenito, encontrados a 1.100 m de altitude, testemunham um passado geológico que remonta ao Pré-Cambriano (à esquerda). Hoje, com a exploração de diamantes, os cursos d'água, como o igarapé do Paiva (foto menor), já perderam seu traçado original ou estão poluídos, como o igarapé do Meio (embaixo).



cada junto com a comunidade ali instalada. É imprescindível que toda atividade garimpeira seja paralisada, pois caso isso não aconteça, qualquer tentativa de recuperar o ecossistema ficará restrita à superficialidade do conceito de recuperação/conservação. Se a vocação de Roraima é realmente a atividade garimpeira, que não se cometa o erro de exercê-la por mais tempo na serra do Tepequém.

REINALDO IMBROZIO BARBOSA
NÚCLEO DE PESQUISAS DE RORAIMA,
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA